

A CONDIÇÃO HUMANA DE ESTUDANTES DE ZONA URBANA PERIFÉRICA: TENSIONAMENTOS ENTRE O CONTEXTO ESPACIAL E O ACESSO À ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Cristiano Santos da Cruz

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Grazielle Meira Freire

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Nivaldo Vieira de Santana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo: O presente artigo relata uma pesquisa desenvolvida no componente curricular Política Educacional II, do Curso de Licenciatura em Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. O objetivo foi investigar a interação que estudantes de uma região periférica de Vitória da Conquista na Bahia, estabelecem com o contexto espacial ao se deslocarem para a escola. Buscou-se destacar as evidências sobre a condição humana do grupo pesquisado em relação aos impactos físicos e psicológicos a partir do direito de ir e vir à escola. Metodologicamente, a pesquisa de caráter exploratória, e abordagem quali-quantitativa, teve o seguinte encaminhamento: escolha de um bairro da periferia, sorteio de uma escola de educação básica, e aplicação questionários semiabertos em cinquenta estudantes na faixa etária de 13 a 17 anos. Os resultados apontaram que 52% dos indivíduos declaram impacto físico a partir de alterações físicas do tipo: cansaço, falta de ar, dores nas costas, na cabeça, nos joelhos e nas pernas. 62% dos indivíduos já sofreram impacto de perfil psicológico evidenciado por preocupações com: assaltos, estupros, sequestros e bala perdida. E, 30% relataram a recorrente evidência de: assédio sexual, tiroteio, morte de colegas por bala perdida, tentativa de sequestro, assalto e ônibus quebrado. Conclui-se que a vivência cotidiana desses indivíduos, no percurso que fazem entre moradia e a escola, por gerar possíveis alterações psicológicas e desgaste físico pode influenciar no rendimento educacional, ou mesmo abandono da escola.

Palavras-chave: Acesso à escola. Condição humana. Políticas públicas.

Introdução

Os estudos sobre mobilidade espacial da população limitam-se a considerar questões relacionadas aos deslocamentos para fins de trabalho, especialmente analisados em recortes de contextos intermunicipais de metrópoles. A esse respeito Lima, Freire & Ojima (2018) chamam a atenção para a necessidade de estudos a respeito dos deslocamentos no interior das metrópoles, afirmando que os deslocamentos diários de estudantes é uma modalidade de análise pouco explorada no Brasil.

Condições dificultosas em relação ao referido deslocamento de estudantes de educação básica de suas moradias para a escola e vice versa, devem ser motivos de estudo tanto no

campo das definições de políticas públicas de caráter educacional quanto ao campo da psicologia, se levarmos em consideração que a população de estudantes da educação básica é composta por um conjunto de adolescentes em plena fase de desenvolvimento humano, caracterizada por aspectos psicológicos, descritos por Aberastury & Knobel (1972), como uma busca constante de identidade, tendência grupal, busca por segurança e estima pessoal, constantes flutuações de humor etc., sendo tais características tocadas pelos aspectos do meio em que o sujeito está. Tais acontecimentos são acometidos por uma crise¹ diante do contexto sócio histórico que o sujeito nesta fase se encontra, o qual faz o sujeito criar mecanismos psicológicos que interagem com o meio no intuito de se adaptarem às condições contextuais do ambiente social.

Todos estes fenômenos emergem durante a adolescência tomando consistências e formas diversas dependendo do contexto social, podendo implicar em marcas no desenvolvimento humano. Levando em conta que os sujeitos adolescentes necessitam de um apoio sócio emocional devido às peculiaridades dessa fase, tensões cotidianas podem propiciar fragilidades variadas no seu processo de desenvolvimento.

Se considerarmos que o contexto dos espaços geográficos- ruas e vielas- das periferias urbanas de municípios de grande e médio porte apresentam realidades que submetem adolescentes a uma situação de vulnerabilidade pessoal, podemos dizer que tal situação é capaz de afetar o acesso e a permanência desse segmento social nos sistemas educacionais, com possibilidade inclusive de alterar o rendimento educacional e a garantia do direito de acesso à educação.

Keserú et al. (2006, apud LIMA, FREIRE & OJIMA, 2018) alerta para a possibilidade de conhecer alguns aspectos peculiares da influência da mobilidade social urbana, ao realizar análises sobre a oferta de vagas em estabelecimentos de ensino e a demanda em relação ao interesse da ocupação das vagas dos estudantes, no que se refere ao deslocamento para a escola. Enquanto Lima, Freire & Ojima (2018) verificaram em seus estudos assimetria espacial entre oferta e demanda de vagas escolares, ao constatar que as escolas que disponibilizam maior número de vagas não estão sempre localizadas nos bairros que concentram o maior contingente populacional e nem tão pouco estabelece relações entre idade escolar e as dificuldades de acesso à escola.

¹ A palavra “crise” é usada aqui num sentido de desenvolvimento, não para designar uma ameaça de catástrofe, mas um ponto decisivo, um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencial; Sobre este conceito ver Erikson (1987, p. 96).

Através de revisão de literatura foi constatado que são raras, no Brasil, pesquisas que abordem os deslocamentos populacionais de pessoas vinculadas ao processo de escolarização. Ojima (2007) chama a atenção para a importância de estudos capazes de entender os efeitos do espaço sobre aspectos da vida em sociedade, e destaca que nas últimas décadas os estudos sobre deslocamentos do trabalhador vêm se intensificando, tendo como referência a proporção das distâncias e os deslocamentos mesmo em pequenos e médios municípios, e, possíveis impactos sociais. O que instigou os autores do presente artigo a entender como o fenômeno se apresenta, quando se trata de deslocamento urbano de estudantes de nível básico.

O estudo teve origem, durante o desenvolvimento da disciplina Política Educacional II, enquanto componente curricular do curso de licenciatura em Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, quando os autores, na condição de discentes do curso de Psicologia foram provocados a apresentar um projeto de estudos sobre questões referentes às políticas educacionais desse tempo histórico. E, com o pressuposto inicial de que: O deslocamento diário pelas vias urbanas do município de Vitória da Conquista- BA, diante da violência, poderia propiciar alterações psicológicas e físicas em adolescentes. Sendo assim, a proposta de estudo foi submetida ao orientador da disciplina.

A interdisciplinaridade do objeto de investigação se efetivou a partir de estudos complementares desenvolvidos pelos autores ao cursarem as disciplinas de Psicologia e Vulnerabilidade Social e Psicologia e Educação, e constatarem que grande parte dos estudantes matriculados em uma determinada escola de zona periférica de Vitória da Conquista- BA residem em bairros adjacentes que possuem alta taxa de violência, o que alimenta, entre outros fatores, a rivalidade entre bairros.

Couberam então os questionamentos: como se estabelece a mobilidade diária dos adolescentes que precisam transitar entre bairros rivais para ter acesso à escola? Seria possível constatar alterações ou impactos entre fatores psicológicos e físicos gerados pela mobilidade urbana de estudantes da educação básica? Quais seriam esses fatores?

O que justificou a realização do estudo foi à possibilidade de verificar as implicações geradas a partir da mobilidade urbana de estudantes de nível básico no contexto espacial² de periferia dos centros urbanos, tendo em vista inclusive a desistência ou evasão escolar.

² Este termo é definido aqui como: algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. Sobre este conceito ver Santos (2008, p.88).

Santana (2019), em orientações de estudo, enfatiza que os estudos sobre evasão escolar no Brasil fazem menção ao desinteresse do aluno, a falta de transportes públicos ou dificuldades dos estudantes em conciliar o trabalho e a escola, porém não estabelecem relações entre os aspectos relacionados à mobilidade espacial da população de estudantes e o contexto espacial onde se situa a moradia e a escola, nem tão pouco os encontros dos conflitos sociais da vida urbana.

Maiores distâncias entre a moradia e a escola do indivíduo, podem envolver dois aspectos distintos e, aparentemente contraditórios: ampliar sua rede social, sendo a fase da adolescência marcada por uma adesão proeminente a novos grupos, com o propósito de ampliar seus mecanismos de socialização e formação da identidade, além de aprimorar a sua conhecimento de mundo; e ao mesmo tempo aumentar a exposição de adolescentes a fatores de risco e, conseqüentemente, a vulnerabilidade social, colocando em risco a ideia de integralidade de proteção desse segmento social.

Santana (2019) destaca ainda que o Estado brasileiro ao instituir o estatuto da criança e do adolescente (ECA), e dispor sobre a proteção integral dos mesmos, coaduna com a Constituição Federal de 1988, ao reconhecer que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, e como tal, designa o estado, a família, e a sociedade como garantidores do direito à vida, à saúde e à educação, com a obrigação inclusive de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, violência ou crueldade. O ECA ainda busca assegurar, em seu Artigo 53 (parágrafos I e V), a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola pública e gratuita, próxima a sua residência.

O Estado brasileiro, como proposto na Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional), deve prezar pelo bem-estar dos indivíduos incluídos no processo educacional, sendo as políticas educacionais instrumentos para que se garanta o princípio do acesso, como demonstra o Artigo 3º, inciso I da referida legislação – “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”; portanto, promover escola e educação como direito civil significa enxergá-la como agente de desenvolvimento. Nessa perspectiva, as instâncias correspondentes à administração pública das escolas, devem também planejar a distribuição de vagas escolares levando em consideração as mudanças demográficas, para que se evite o esfacelamento dos recursos investidos em educação.

E, por admitir que crianças e adolescentes se encontram em pleno desenvolvimento psicológico, físico, moral e social, cabem estudos específicos que estabeleçam relações entre

as particularidades humanas dos estudantes da educação básica e as suas condições de vida, ao dispor das garantias do direito à educação.

Dessa forma, estudo teve como objetivo investigar a interação que estudantes de uma região periférica de Vitória da Conquista, na Bahia, estabelecem com o contexto espacial ao se deslocarem para a escola. Buscou-se destacar as evidências sobre a condição humana do grupo pesquisado em relação aos aspectos físicos e psicológicos a partir da percepção de segurança pessoal durante o percurso ao exercer o direito de ir e vir à escola.

Metodologia

A presente pesquisa foi de caráter exploratória com uma abordagem quali-quantitativa. A escolha do campo amostral levou em consideração aspectos geográficos e sociais como fator de análise, usando o critério de escolha de um bairro periférico e um sorteio entre as escolas públicas de educação básica da região selecionada de Vitória da Conquista- BA. Sendo assim, a proposta da pesquisa foi apresentada à escola, através de uma carta de apresentação, enfatizando que o processo da pesquisa zelaria pelo anonimato e integridade física e psicológica dos participantes, assim como os resultados respeitariam o sigilo da escola e dos sujeitos.

Feito isso, participaram cinquenta estudantes do turno matutino da escola selecionada, Sendo que 50% dos participantes eram do sexo masculino e 50% do sexo feminino, com faixa etária entre 13 a 17 anos, sendo a maioria com idade de 14 anos. Apenas 30% dos estudantes residem no mesmo bairro em que estudam, os outros 70% são provenientes de outros bairros ou zona rural (Gráfico 1).

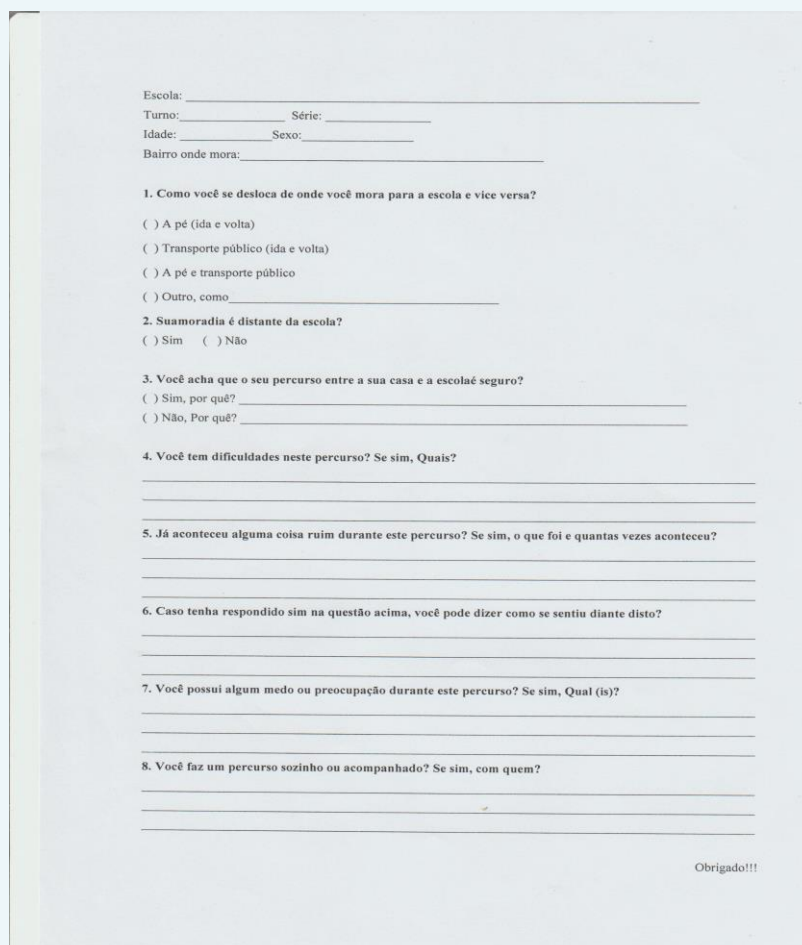
Gráfico 1 - Local de origem dos estudantes



FONTE: Acervo Pessoal

O método da coleta dos dados consistiu na aplicação de questionário semiaberto (Figura 1) composto por itens que consideravam questões relativas às condições de mobilidade durante o percurso até a escola como, por exemplo, o meio de transporte utilizado (a pé, carro, ônibus, van, etc.), presença ou não de companhia no deslocamento (colegas, pais ou quaisquer outras pessoas), topografia (referente às condições espaciais do percurso como ruas íngremes, por exemplo), dinâmica no espaço (movimentos de pessoas e/ou carros), riscos percebidos (presença de violência, ameaça, acidentes, etc.), assim como os impactos físicos (cansaço, dores na coluna, dor nas pernas, etc.) e psicológicos (insegurança, desânimo, ansiedade, etc.) por conta do percurso. Os resultados foram quantificados e articulados segundo o seu conteúdo. As categorias de análise foram descritas seguindo o relato dos participantes como: Descrição e desconfortos físicos e descrição de desconfortos psicológicos.

Figura 1. Modelo de questionário semiaberto



Escola: _____
Turno: _____ Série: _____
Idade: _____ Sexo: _____
Bairro onde mora: _____

1. Como você se desloca de onde você mora para a escola e vice versa?
() A pé (ida e volta)
() Transporte público (ida e volta)
() A pé e transporte público
() Outro, como _____

2. Suamoradia é distante da escola?
() Sim () Não

3. Você acha que o seu percurso entre a sua casa e a escola é seguro?
() Sim, por quê? _____
() Não, Por quê? _____

4. Você tem dificuldades neste percurso? Se sim, Quais?

5. Já aconteceu alguma coisa ruim durante este percurso? Se sim, o que foi e quantas vezes aconteceu?

6. Caso tenha respondido sim na questão acima, você pode dizer como se sentiu diante disto?

7. Você possui algum medo ou preocupação durante este percurso? Se sim, Qual (is)?

8. Você faz um percurso sozinho ou acompanhado? Se sim, com quem?

Obrigado!!!

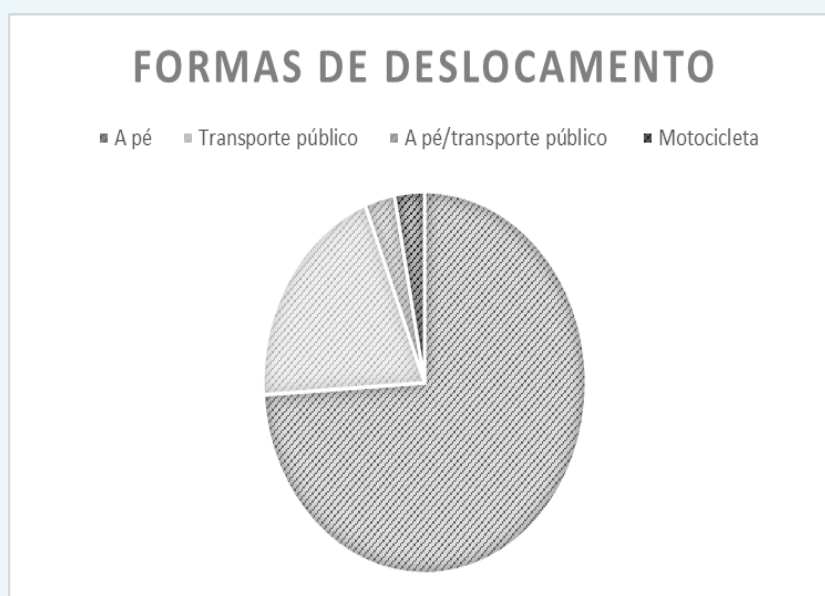
FONTE: Acervo pessoal.

Não é simples esta dicotomização do físico e psicológico, pois o impacto físico implica em psicológico e vice-versa. Porém, aqui é descrita no sentido de visualizar essas duas dimensões na forma como se apresentam nos relatos. O impacto físico é reduzido aqui a quaisquer desconfortos registrados no corpo, manifestados por alterações no sistema somatossensorial, caracterizados pelas condições que permitem o organismo experimentar sensações em partes distintas do corpo. Já o impacto psicológico se evidencia pelos mecanismos de defesa desenvolvidos ao longo da evolução humana em prol da adaptação do organismo no seu ambiente. Nesse sentido, o impacto nesse sistema se manifesta por modos constantes de alerta, como medo e ansiedade que de forma disfuncional atuam na busca de adaptação a um ambiente social ameaçador, no qual o organismo está presente.

Resultados e Discussão

Com as respostas fornecidas pelo questionário, verificou-se que 74% dos adolescentes se locomovem a pé, 20% utilizam transporte público, 3% deles fazem o percurso variando entre caminhada a pé e transporte público (ida ou volta), e 3% utilizam motocicleta (Gráfico 2).

Gráfico 2. Formas de deslocamento



FONTE: Acervo pessoal

Descrição dos desconfortos físicos apresentados pelos estudantes:

Dentre os participantes, 52% assinalaram apresentar algum desconforto físico no cotidiano por conta do percurso moradia-escola como: cansaço, falta de ar, dores nos pés, nas pernas, nos joelhos, nas costas, na coluna e na cabeça. Relataram que esse desconforto se deve a condições como a distância, ruas íngremes, calor excessivo, preguiça, ônibus que balança muito (moradores da zona rural), carga excessiva de peso na mochila, necessidade de se locomover rapidamente, pontos de ônibus distantes de suas casas (mesmo quem se locomove através de transporte público enfrenta dificuldades, sinalizando que alguns itinerários de ônibus ficam inacessíveis em algumas localidades).

Descrição dos desconfortos psicológicos apresentados pelos estudantes:

De forma geral, 62% dos participantes apresentaram respostas que caráter psicológico, sendo evidenciado por insegurança, medo, nervosismo e tristeza.

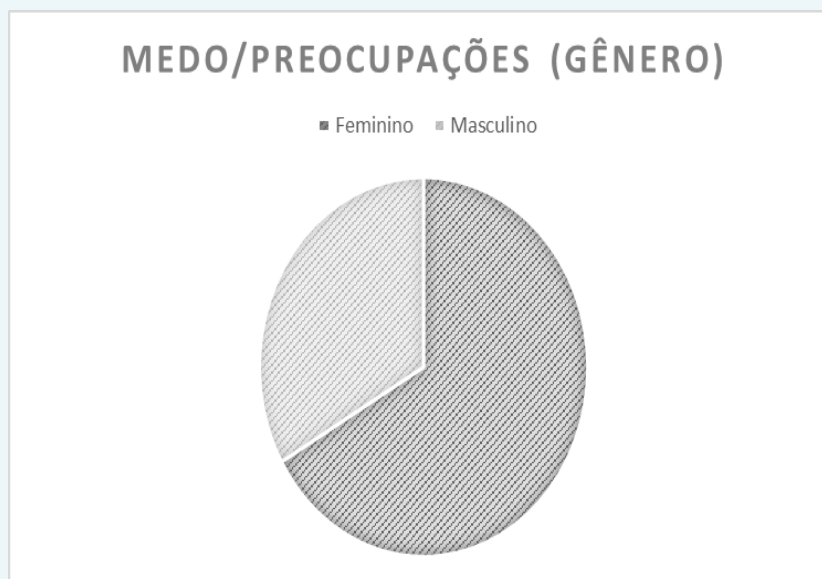
Em relação a estes, 30% dos participantes relataram que já passaram por alguma situação descrita como ruim durante o percurso. Apareceram falas como “morte de alunos”, “assalto”, “tiroteio”, “ônibus quebrou”, “assédio sexual”, “um carro preto que parou e os homens que estavam dentro tentaram puxar minhas amigas”, “ônibus atolou na chuva” (caso específico de estudantes que vem de zona rural), “uma estudante foi baleada”. Os sentimentos mais frequentes relatados após estes eventos foram de insegurança, medo, preocupação, nervosismo e tristeza.

62% dos adolescentes descreveram seus percursos como inseguro. As descrições relatadas foram: “posso ser assaltada a qualquer momento”, “tem um lugar por onde eu passo que é ponto para os homens realizarem estupros”, “nenhum lugar é seguro”, “passo em lugares perigosos”, “(...) porque meu bairro tem muito tiro”, “alguns homens me assustam”, “não conheço muito o bairro”, “é um bairro periférico”, “risco de assalto”, “passo em rua muito parada”, “não sabemos o que pode acontecer”, “tudo pode acontecer”. Todos esses relatos traduzem sentimentos cotidianos de insegurança dos indivíduos entrevistados, os quais vivenciam diariamente.

Com o intuito de aprofundar melhor sobre a vivência cotidiana destes adolescentes, foi indagado se sentiam medo ou alguma preocupação mais frequente durante o percurso. 54% deles relataram sentir medos e preocupações diárias durante esta trajetória, sendo relevante destacar que deste total, 36% eram do sexo feminino e 18% do sexo masculino (Gráfico 3). Sendo assim, percebeu-se que as adolescentes são mais vulneráveis a vivenciarem sentimentos negativos durante esta trajetória. As preocupações e/ou medos mais frequentes

dos indivíduos foram descritas em algumas falas como: “ser assaltada/o”, “ser estuprada”, “ser sequestrada/o”, “morrer por bala perdida”, “violências”, “perigo dos bairros rivais”, “ser morta”, “‘busão’ atolar durante a chuva”, “ônibus bater e quebrar”.

Gráfico 3 - Estudantes com medo/preocupações divididos por gênero



FONTE: Acervo pessoal

Observou-se que a maioria dos indivíduos que se deslocam a pé sentem medo ou algum outro tipo de preocupação durante a trajetória. Em contrapartida, foram descritos poucos relatos nesse sentido, entre os que se locomovem através de transporte coletivo. Do total de relatos de medo e preocupações, 74% andam acompanhados e 26% andam sozinhos, ou seja, as preocupações durante o percurso não parecem estar diretamente relacionadas à ausência de companhia.

A partir dessas respostas, percebeu-se uma confirmação de realidade de violência e medo que estes jovens enfrentam cotidianamente. Uma das falas sobre o medo do percurso como: “perigo dos bairros rivais”, explicita um reflexo da migração destes indivíduos, pois ao ter que atravessar um bairro vizinho, pode estar passando por um bairro rival no sentido de representar grupos criminosos conflitantes entre si, podendo perceber qualquer pessoa que não pertença ao bairro, como um estranho, uma ameaça.

Se, de antemão, relatos de medo de sequestro no caminho para a escola soam como exacerbação de uma realidade, ao sermos confrontados com as falas dos sujeitos pertencentes a ela, percebe-se uma referência direta desses relatos com a realidade. Um dos discursos que

aparecem traz à tona um atentado real de sequestro, quando uma adolescente diz que um carro preto parou e homens tentaram puxar suas amigas para dentro; além de outras falas como medo de estupro. Isto reflete a necessidade de se considerar com extrema relevância a verdade do sujeito pesquisado, pois o medo vivenciado repercute, de forma colossal, na vida do indivíduo contemporâneo, ou seja, a relação do indivíduo com o espaço se modifica de acordo com as vivências relacionadas.

De maneira geral, constatou-se que os indivíduos vivenciam uma rotina permeada, diariamente, por sentimento de medo e insegurança, tanto em relação à perda de bens materiais, quanto à violação do próprio corpo, e também a perda da própria vida, posto que “morte” foi uma palavra usada diversas vezes nas respostas dos participantes, revelando um tema presente e recorrente na vida desses indivíduos. É necessário ainda que mencionemos o imprevisível como um aspecto importante na produção e na experiência desses sentimentos, pois para alguns tudo pode acontecer durante este percurso e, de certa forma, se veem expostos ao iminente mal que pode lhes atingir todos os dias.

Conclusão

O eixo desta pesquisa, o qual considerou a vivência diária de estudantes no percurso da moradia até a escola e vice-versa, se mostrou propositivo em seus objetivos, afirmando assim a pressuposição inicial sobre a ocorrência de impactos físicos e psicológicos causada pela interação destes estudantes durante o deslocamento até a escola.

As informações coletadas a partir das falas dos estudantes evidenciaram uma grande necessidade em aprofundar os estudos sobre as minúcias do cotidiano humano e as relações estabelecidas com o espaço. Além disso, as respostas analisadas surpreenderam, por não haver, inicialmente, uma expectativa de tamanha repercussão entre o caminho percorrido por estudantes entre sua moradia e escola, e os processos produzidos pela experiência pessoal de cada um.

É pertinente ressaltar os desafios no acesso ao ensino público como fator preponderante no que se refere ao contexto espacial para além dos muros da escola. Isto toca em questões circundantes nas políticas públicas, considerando aspectos geográficos e sociais como parte de um processo educacional em sua totalidade, já que o contexto espacial que se configura em torno destes adolescentes, se mostra repleta de fatores de risco, tendo a

possibilidade, inclusive, de ser um dos fatores envolvidos no baixo rendimento acadêmico ou até mesmo no abandono da escola.

A partir da presente pesquisa exploratória, sugere-se uma ampliação da abrangência desse campo de investigação tão pouco explorado, no sentido de aprofundar os conhecimentos sobre as condições de mobilidade interurbana e como estas afetam os estudantes em seu processo educacional. Tal importância desse campo de estudo se dá no tocante aos aspectos das políticas educacionais e como as atuações das mesmas afetam no desenvolvimento escolar dos estudantes. Sendo necessário, então, se atentar o quanto as condições de mobilidade urbana destes estudantes fragiliza os direitos previstos no ECA no sentido de desfavorecer um acesso digno a escola, além de poder ser um fator que contribui para o desinteresse da permanência escolar.

Por fim, por se tratar de um trabalho inédito, foi sinalizado aqui não só impactos físicos e psicológicos nos deslocamentos destes estudantes, como também indagações relativas a um potencial impacto na gestão educacional. Dessa forma, este trabalho indica posições futuras de análise deste cenário cabendo assim futuros aproveitamentos de estudos.

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dez. de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 29 de mar. 2019.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF (atualizado até a Lei nº 13.441, de 08 de maio de 2017). Disponível em: <https://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf>. Acesso em: 29 de mar. 2019.

ERIKSON, E.H. **Identidade: juventude e crise**. Trad: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987.

LIMA, William de Mendonça; FREIRE, Flavio Henrique Miranda de Araujo e OJIMA, Ricardo. **Mobilidade e rendimento escolar dos estudantes de ensino médio em Natal (RN)**,

Brasil). urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana . 2018, vol.10, n.2, pp.346-356. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-33692018000200346&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 de mar. 2019.

OJIMA, R. **Análise comparativa da dispersão urbana nas aglomerações urbanas brasileiras**: elementos teóricos e metodológicos para o planejamento urbano e ambiental (Tese de Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280251/1/Ojima_Ricardo_D.pdf>. Acesso em: 26 de mar. 2019

PEREIRA, R. H. M. **Polarização urbana e mobilidade da população**: O caso dos deslocamentos pendulares na rede pública de ensino médio do Distrito Federal. In XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais (18-22 de setembro). Caxambú: ABEP, 2006. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1491/1456>> . Acesso em: 26 de mar. 2019.

SANTANA, Nivaldo V. **Orientações de estudo** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <nivaldonvs@yahoo.com.br>. 5 de abr. 2019.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Cristiano Santos da Cruz

Graduando em Psicologia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Discente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil. E-mail: cristiano.santos12@hotmail.com

Grazielle Meira Freire

Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Discente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil. E-mail: graziellefreire1@gmail.com

Nivaldo Vieira de Santana

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)-Brasil. E-mail: nivaldonvs@yahoo.com.br